

Didática da língua inglesa e o ensino-aprendizagem da disciplina com apoio das tics: ferramentas essenciais para melhorar a apreensão de conteúdo do aluno

Jailson dos Santos Silva

Gelzi Ângela Tibúrcio Gama Gonçalves

Anna Patrícia Zakem China

DOI: 10.47573/aya.88580.2.53.20

RESUMO

O presente estudo trata do uso das Tecnologias da Informação e Comunicação a disciplina Língua Inglesa, com foco no Ensino Fundamental II e ensino Médio. Mostra um breve histórico dessa língua, assim como, sua relevância no mundo atual para as diversas áreas do conhecimento. Faz considerações acerca do uso das TICs nas aulas de inglês. Tece conceitos sobre a Didática voltada ao ensino de inglês. Faz também uma pequena reflexão do ensino-aprendizagem com apoio das TICs.

Palavras-chave: didática. tecnologia da informação e comunicação, inglês.

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da evolução do homem, a tentativa de se comunicar, primeiramente entre pessoas de um mesmo grupo, foi gerada pela necessidade de inata da sobrevivência.

Assim, temos espalhados pelo mundo afora, exemplos de civilizações que apesar de possuírem tradição exclusivamente oral, como os índios brasileiros, não se preocuparam em produzir uma história escrita.

Em contrapartida, povos que se estabeleceram em regiões mais povoadas conseguiram sair da oralidade e passaram a construir sua história como povo, a partir da escrita e suas constantes evoluções com passar do tempo.

Chegamos ao ano de 2011 e a escrita em sua essência, foi modificada com as invenções tecnológicas, as telas sensíveis aos toques dos aparelhos de celular, telas de monitor de computadores em LED e LCD e portáteis (netbooks, notebooks, tablets). Contudo, os lápis, as canetas esferográficas, foram substituídas pelos dedos e canetas tipo stylus. Os teclados físicos como os de computadores tipo desktops, e dos celulares com os modelos QWERTY:

Este é o padrão de disposição de teclas nos teclados usados no Brasil, EUA e em outros países que utilizam alfabetos baseados no latim. O nome vem da disposição das letras na parte superior esquerda do teclado (QWERTY), abaixo dos números. Tem 120 teclas e foi desenhado e patenteado por Christopher Sholes em 1868 antes de vendê-lo para a empresa Remington (MORIMOTO, 2010, p.159).

Com o advento das Tecnologias da Informação e da Comunicação (conhecida pela sigla TICs), temos condições de melhorar a qualidade de nossas aulas de língua estrangeira, com base de uma perspectiva histórica forte, que possibilita fazer uma adaptação de métodos para melhor ensinar e em consequência, o aluno poder aprender – com menos dificuldade-, uma língua estrangeira como a inglesa.

Temos como exemplo, as aulas ministradas no curso de Letras Português- Inglês da UNISEB, com lousa digital, via satélite, netbooks e agora tablets.

A LÍNGUA INGLESA: BREVE HISTÓRIA

Apesar de vermos atualmente o domínio do inglês, ele não gozava o status de idioma relevante na antiguidade. Todo esse esplendor veio à tona recentemente, segundo Bruniera (2011, p. 4):

Quem vê a expansão da língua inglesa ao redor do mundo, sobretudo nos últimos 50 anos, pode não acreditar que a língua mais usada em transações comerciais hoje era falada por apenas algumas tribos germânicas no século 5 d.C.

De tribos germânicas sem expressão até chegar ao Reino Unido, o inglês foi usado pela Coroa Britânica para dar uma marca cultural aos povos por ela conquistados no período expansionista. Assim como, o espanhol foi usado nas conquistas dos povos das Américas do Norte, Central e do Sul. Atualmente temos a massificação da língua inglesa no mundo inteiro, sendo uma das línguas oficiais das Organizações das Nações Unidas (ONU). Alguns países têm o inglês como língua principal e outros como uma segunda, terceira línguas oficiais em seus respectivos territórios, a Índia, África do Sul, Libéria, Nigéria, Cingapura, Malásia, África do Sul, Quênia, dentre outros. (UNISEB, 2009)

A disseminação do inglês foi devido as áreas como Política, Turismo, Administração, Economia, Ciências, Esportes, Meio Ambiente, Engenharias Civil, Ambiental, Militar, Aeroespacial, dentre outras. Mas graças também aos negócios, o Comércio Exterior ao redor do globo necessita falar a mesma língua para poder efetuar suas compras e vendas de produtos e/ou serviços, o inglês é muito usado para estreitar as relações comerciais entre nações e povos. Para fazer compras na Internet, sites como por exemplo, Ebay.com, Amazon.com, Applestore.com o indivíduo precisa ter noção mínima do idioma para fechar um negócio pessoal on line.

Devido a sua relevância, o ensino de Língua Inglesa nas escolas brasileiras está de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Segundo os PCNs de Língua Estrangeira (BRASIL; SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL, 1998, p. 27)

[...] ao ensinar uma língua estrangeira, é essencial uma compreensão teórica do que é a linguagem, tanto do ponto de vista dos conhecimentos necessários para usá-la quanto em relação ao uso que fazem desses conhecimentos para construir significados no mundo social.

Portanto, seu ensino nas escolas públicas e privadas desde a tenra idade é fundamental para alavancar novas possibilidades de comunicação em nível global, aproximando os alunos a uma nova realidade e possibilidades de empregabilidade por meio do uso e conhecimento dessa língua de uso prático para as diversas formas de relações, sejam elas, pessoais e ou governamentais.

AS TICS: USO NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA

Os homens da caverna utilizavam a tecnologia de seu tempo para passar as mensagens nas paredes, nas esculturas feitas de pedras, madeiras, ossos e peles, usavam como pinceis para pintar paus, ossos, pedaços de pedras e como tintas restos de fogueira, gorduras, plantas, folhas e até mesmo sangue dos animais.

Com o passar do tempo, houve uma grande evolução tanto do homem quanto das tecnologias. Oliveira (1977, p. 43), nos revela que “à natureza do homem foi superposta uma segunda natureza, o mundo tecnológico. A educação tem que adaptar o homem à segunda, sem ferir nenhum dogma da primeira”.

As aulas com giz, apagador e lousa dentro de um contexto histórico eram a tecnologia de ponta de sua época. Apesar de ainda serem usadas em várias partes do mundo.

A cada época, a tecnologia se faz presente para auxiliar os trabalhos nas diversas áreas do conhecimento. Temos como, por exemplo, mimeógrafos, estêncil, transparências cópias, diapositivos, flanelógrafo, flipchart, letreiros de papel, videocassete, mural didático, máquina de escrever, normógrafos, realias, álbum seriado, varal didático, dentre outros.

Todas essas ferramentas tecnológicas deram sua colaboração para as práticas pedagógicas.

A Língua Inglesa se apropriou desses recursos educacionais para transmitir seus conceitos e cultura.

Essas ferramentas são úteis e devem ser usadas em sala de aula com objetivos claros, elas “servem de instrumento aos profissionais e pesquisadores para realizar um trabalho pedagógico de construção do conhecimento e de interpretação e aplicação das tecnologias presentes na sociedade” (LEITE, 2003, p.14).

O autor ainda nos mostra que depois de revistas as teorias, as práticas e as técnicas de aprendizagem, os professores de um modo geral, não devem para no tempo ou se deixar acomodar com as tecnologias em sala de aula, a autora diz “não basta utilização de tecnologia, é necessário inovar em termos de prática pedagógica”.

DIDÁTICA DA LÍNGUA INGLESA COM TICS

Toda a prática pedagógica está embasada na pessoa do professor. Com base nessa prática, o cotidiano do professor na escola é moldado. A Didática surge para ser um apoio, uma segurança maior às suas ações. Evidente para Freire (1997), com suas palavras faz refletir sobre uma prática docente coerente e voltada ao comprometimento de uma Educação de qualidade.

É interessante observar que a minha experiência discente é fundamental para a prática docente que terei amanhã ou que estou tendo agora simultaneamente com aquela. É vivendo criticamente a minha liberdade de aluno ou aluna que, em grande parte, me preparo para assumir ou refazer o exercício de minha autoridade de professor. Para isso, como aluno que hoje sonha com ensinar amanhã ou como aluno que já ensina hoje devo ter como objeto da minha curiosidade, as experiências que venho tendo com professores vários e as minhas próprias, se as tenho, com meu alunos (FREIRE, 1997, p. 100-101).

Diante do exposto pelo autor, cabe aos professores de Língua Inglesa, os que já estão na ativa e os futuros professores observar o andamento de sua prática pedagógica para poder, a partir dela, exercitar coerentemente a Didática em sala de aula. Segundo Libâneo (1991, p.25), explica claramente para que ela serve, portanto,

A didática, vem sendo um dos ramos da Pedagogia, que investiga os fundamentos, condições e modos de realização da instrução e do ensino. A ela cabe converter objetivos sócio-políticos e pedagógicos em objetivos de ensino, selecionar conteúdos e métodos em função desses objetivos, estabelecer os vínculos entre ensino e aprendizagem, tendo em vista o desenvolvimento das capacidades mentais dos alunos.

O mesmo autor reforça a importância da Didática, para ele

[...] constitui-se em teoria de ensino à medida que opera uma síntese entre a teoria pedagógica e a prática educativa, caracterizando-se pelo processo de mediação entre as bases teórico-científicas da educação escolar e a prática docente. Ela opera como que uma ponte entre o ‘o que’ e o ‘como’ do processo pedagógico escolar. A teoria pedagógica orienta a ação educativa escolar mediante objetivos, conteúdos e tarefas da formação

cultural e científica, tendo em vista exigências sociais concretas; por sua vez, a ação educativa somente pode realizar-se pela atividade da prática do professor, de modo que as situações concretas que requerem o 'como' da intervenção pedagógica. Este papel, em síntese entre a teoria pedagógica e a prática educativa real assegura a interpenetração e a interdependência entre fins e meios da educação escolar e, nessas condições, a Didática pode constituir-se em teoria de ensino (LIBÂNEO, 2008, p. 28).

A partir dessa compreensão, as práticas pedagógicas de ensino de Língua Inglesa, podem ganhar mais dinamismo. Sá (2011) dá um novo panorama acerca da prática didática. O autor relata que há uma premente necessidade de mudança,

Assim, consideramos necessário dar prosseguimento às atividades relativas à discussão de uma nova perspectiva dialética e menos formal. Isso implica a ampliação de estudos para reflexão da metodologia utilizada, para que nós professores possamos verificar através das mesmas, os elementos comprobatórios que nos tornem aptos a reconhecer mecanismos explícitos para abrir novos caminhos dentro de uma didática produtiva que leve ao saber crítico (SÁ, 2011, p. 7).

Essa busca pela “didática produtiva” fará com que muitas aulas de Língua Inglesa se tornem mais atraentes e como consequência mais interessante. Com base nas afirmações de Freire (1999) que foi citado por China (2009) no que a autora chama de Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs), mostrando sua importância, menciona da seguinte maneira sobre uso desses recursos didáticos como suporte para possibilitar aulas mais atraentes, a saber:

[...] as NTICs oferecem várias possibilidades pedagógicas, as quais os professores devem conceber e incorporar na prática docente para fins instrucionais. Os professores devem explorar ao máximo o potencial para o ensino de inglês e outras disciplinas (CHINA, 2009, p.4).

Ensino-aprendizagem da língua inglesa com TICs para melhorar o conteúdo do aluno: um en passant

O uso das novas TICs é essencial para poder proporcionar ao aluno de Língua Inglesa uma oportunidade dinâmica de qualidade, no que tange ao ensino-aprendizagem. Na formação dos professores da Educação Básica de nível superior nos cursos de Licenciatura Plena, já é contemplada pela Resolução CNE/CP 1, que fundamentou as Diretrizes Curriculares Nacionais.

O artigo segundo do CNE/CP, item VI, diz que podem ser usados em sala de aula para enriquecer de conteúdo das aulas de inglês com a ajuda do “uso de tecnologias da informação e da comunicação e de metodologias, estratégias e materiais de apoio inovadores”. O documento dá o direcionamento do que deve ser seguido, a saber:

Art. 2º A organização curricular de cada instituição observará, além do disposto nos artigos 12 e 13 da Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, outras formas de orientação inerentes à formação para a atividade docente, entre as quais o preparo para: I - o ensino visando à aprendizagem do aluno; II - o acolhimento e o trato da diversidade; III

- o exercício de atividades de enriquecimento cultural; IV - o aprimoramento em práticas investigativas; V - a elaboração e a execução de projetos de desenvolvimento dos conteúdos curriculares; VI - o uso de tecnologias da informação e da comunicação e de metodologias, estratégias e materiais de apoio inovadores; VII - o desenvolvimento de hábitos de colaboração e de trabalho em equipe (BRASIL; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO; CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2002, p. 1.)

Segundo, Aragão e Lima (2010, p. 8),

Com o fomento do uso do computador na sociedade é comum que ocorra mudanças na forma de conceber o mundo, de pensar e agir sobre ele. Como também, o ensino de uma Língua estrangeira, também é proveniente das grandes mudanças dentro da sociedade. Assim, se por um lado, temos a necessidade de aprender uma língua estrangeira e, por outro temos as tecnologias que, inseridas no contexto escolar podem auxiliar e mediar os processos de ensino e aprendizagem.

Leffa (2006, p. 183), nos mostra um outro contexto, sob a ótica do autor, ‘a interação com as máquinas parece proporcionar aprendizagem em todos os níveis, incluindo os domínios cognitivo, afetivo e psicomotor’.

Para reforçar, Passarelli (2007, p. 22), nos diz que “a reboque da globalização dos mercados, das descobertas da ciência cognitiva e da solidificação da cibercultura, o mundo da educação viu-se obrigado a revisitar teorias e práticas de aprendizagem”.

As práticas de aprendizagem revisitadas, debatidas e modificadas deram e dão ao ensino de língua estrangeira de um modo geral, novos horizontes para que o aluno tenha mais opções de adquirir conhecimento e assim, desenvolver-se como um falante.

O professor de Língua Inglesa deve estar sempre preparado para manusear as TICs. China (2001, p. 5-6) é enfática ao afirmar o seguinte:

Justificamos a necessidade do professor de língua inglesa ter formação para utilizar as NTICs, isto é, ter LD, e assim, poder usufruir das NTICs e suas potencialidades. Pois assim, o professor de língua inglesa poderá estar apto a explorar e utilizar os recursos tecnológicos disponíveis na prática docente, conforme comentamos anteriormente, o processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa aliado as NTICs apresenta inúmeras possibilidades. Além disso, o professor de inglês deve estar preparado para enfrentar os novos paradigmas educacionais.

Neste sentido, o professor de Língua Inglesa, pode pesquisar qual o melhor método ou técnica de ensino-aprendizagem mais apropriado para suas turmas e fazer delas um meio atraente, eficaz, eficiente de atrair a atenção do aluno do Fundamental II e Ensino Médio para o que se deseja ensinar. Além disso, Xavier (2007) citado por Villela (2009, p.39) mostra os caminhos a ser escolhido pelo professor de um modo geral:

[...] elenca três: (a) escolher os recursos didáticos em função dos estilos cognitivos dos aprendizes; (b) analisar criticamente vantagens e desvantagens de cada ferramenta pedagógica disponível; e (c) imaginar formas criativas e colaborativas de trabalhar os conteúdos com os aprendizes. Perante isso, podemos afirmar que o professor deve se perguntar se sua prática pedagógica tem sido instrutivista ou (re)construcionista diante das inovações tecnológicas. Mas ele deve também saber que a tecnologia sozinha não muda a sociedade, entender que desempenha um importante papel na formação de aprendizes críticos, criativos e autônomos com a ajuda das TDIC, além de perceber que as tecnologias “conspiram” a favor do conhecimento.

Novos atributos e competências serão cobrados aos novos professores do futuro, por sua vez:

As corporações, pressionadas pela competição e pela necessidade de atualização constante, cada vez mais se transformarão em organizações de aprendizagem e investirão no e-learning, na aprendizagem mediada por tecnologias telemáticas. As tecnologias na educação do futuro também se multiplicarão e se integrarão se tornarão mais e mais audiovisuais, instantâneas e abrangentes. Caminhos para formas fáceis de vermo-nos, ouvirmo-nos, falarmos-nos, escrevermo-nos a qualquer momento, de qualquer lugar, a custos progressivamente menores. Com as tecnologias cada vez mais rápidas e integradas, o conceito de presença e distância se altera profundamente e as formas de ensinar e aprender também. As modalidades de cursos serão extremamente variadas, flexíveis e “customizadas”, isto é, adaptadas ao perfil e ao momento de cada aluno. Não se falará

daqui a dez ou quinze anos em cursos presenciais e cursos à distância. Os cursos serão extremamente flexíveis no tempo, no espaço, na metodologia, na gestão de tecnologias, na avaliação. Acredito que prevalecerá o sistema modular: os alunos completarão créditos à medida que forem concluindo os seus cursos e suas escolhas, completando determinado número de horas, de atividades, de requisitos, obtendo diferentes níveis de reconhecimento ou certificação (MORAN, 2004, p. 2).

Diante das possibilidades de ensino-aprendizagem de Língua Inglesa com apoio das TICs, além disso, deve-se pensar que todas

“[...] as estratégias de ensino supõem a busca de intervenções no meio escolar que favoreçam a mudança e a promoção dos alunos a uma melhor mestria dos gêneros e das situações de comunicação que lhes correspondem. Trata-se, fundamentalmente, de se fornecer aos alunos os instrumentos necessários para que progridam.” (DOLZ; SCHNEUWLY, 1996, p. 58-59).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o apoio das novas Tecnologias da Informação e Comunicação e Informação (TICs), a cognição e a apreensão de conteúdos referentes a matéria podem ser melhor assimilados pelos alunos tanto do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio, fazendo com que, a aprendizagem dessa língua estrangeira seja introjetada de maneira lúdica e prazerosa, desenvolvendo naqueles que ainda tinham uma certa resistência em aprender inglês, o gosto apurado e refinado pela cultura anglo-saxônica. Fazendo com que

[...] o ensino de línguas estrangeiras vise capacitar o aprendiz a vivenciar e a lidar com as experiências humanas em situações reais. Como conclusão, foi perceptível mediante a leitura que o material de ensino deve atender as novas necessidades da sociedade levando em consideração seu contexto social, cultural e histórico. Como também, proporcionar a autonomia dos professores-participantes do projeto em andamento sobre sua prática de ensino e tenham capacidade para avaliar criticamente processos e produtos tecnológicos voltados para o ensino/aprendizagem de inglês de forma a adequá-las às suas necessidades locais tanto quanto para produzir materiais inéditos e inovadores [...] (ARAGÃO; LIMA, 2010, p. 9).

Portanto, o professor de Língua Inglesa deve usar das TICs para dar qualidade as suas aulas no Ensino Fundamental II e Médio. Com esse apoio tecnológico poderá criar um ambiente propício a um aprendizado dinâmico. Já que, muitos dos alunos dessas modalidades de ensino, têm acesso aos aparelhos tecnologicamente desenvolvidos, apreendem a manuseá-los com facilidade e rapidez. Diante do que foi pesquisado, o que fica evidente é que

Somente na comunicação tem sentido a vida humana. Que o pensar do educador somente ganha autenticidade na autenticidade do pensar dos educandos, mediatizados ambos pela realidade, portanto, na intercomunicação (FREIRE, 1987, p. 75).

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Rodrigo Camargo; LIMA, Ellen Caroline Oliveira. Materiais Didáticos com TICs no Ensino de Inglês. Disponível em: <<http://www.uesc.br/eventos/sepexle/Anais/01.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2011.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Resolução CNE/CP de 18 de fevereiro de 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/res1_2.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2011.

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro

e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_estrangeira.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2011.

BRUNEIRA, Celina. Origens do Inglês: história da língua inglesa. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/ingles/ult1691u26.jhtm>>. Acesso em: 09 jun. 2011.

CHINA, A. P. Z. Internet no Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa: considerações sobre letramento digital, formação docente e possibilidades na www. Disponível em: < <http://ensinodelinguas.wikispaces.com/file/view/Internet+no+Ensino+e+Aprendizagem+de+L%C3%ADngua+Inglesa.pdf> >. Acesso em: 19 jun. 2011.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. Genres et progression en expression orale et écrite: éléments de réflexions a propos d'une expérience romande, Enjeux n° 37/38. P. 49-75. 1996.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1975. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GRINSPUN, Mírian P. S. ZIPPIN (Org.). Educação tecnológica: desafios e perspectivas. São Paulo: Cortez, 2001.

LEFFA, V. J. Interação simulada: Um estudo da transposição da sala de aula para o ambiente virtual. In: Wilson J. Leffa. (Org.). A interação na aprendizagem das línguas. 2 ed. Pelotas: EDUCAT, 2006, v. 1, p. 181-218.

LEITE, Lígia Silva. Tecnologia Educacional: descubra suas possibilidades na sala de aula. Petrópolis: Vozes, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1991. Coleção Magistério. Série formação de professor. São Paulo: Cortez, 2008.

MORAN, Juan Manuel. Perspectivas (virtuais) para a educação. Disponível em: < http://www.ensino.eb.br/artigos/perspectivas_educacao.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2011.

MORIMOTO, Carlos E. Dicionário técnico de informática. Disponível em: < <http://pt.scribd.com/doc/4916993/Guia-Do-Hardware-Dicionario-De-Termos- Tecnicos-De-Informatica-3ed-Carlos-E-Morimoto>>. Acesso em: 15 nov. 2011.

OLIVEIRA, João B.; ARAÚJO, E. Perspectivas da tecnologia educacional. São Paulo: Pioneira, 1977.

PASSARELLI, Brasilina. Interfaces digitais na educação: @lucin[ações] consentidas. São Paulo: Escola do Futuro da USP, 2007.

SÁ, Edmilson José de. Competências do professor de língua inglesa: criando mecanismos para o sucesso em sala de aula. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=858>>. Acesso em: 01 out. 2011.

VILLELA, Ana Maria Nápoles. Considerações sobre a escrita acadêmica para a web.. In: SANTOS, Liliane; SIMÕES, Darcília (orgs.). Ensino de Português e Novas Tecnologias. Coletânea de textos apresentados no I SIMELP. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2009. 160 p.

XAVIER, A. C. S. Anotações de aula do mini-curso “Hipertextos & Tecnologias Digitais de Aprendizagem”. XVIII Instituto de Lingüística. Belo Horizonte, 2007. In: SANTOS, Liliane; SIMÕES,

Darcilia (orgs.). Ensino de Português e Novas Tecnologias. Coletânea de textos apresentados no I SIMELP. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2009. 160 p.

UNISEB. Módulo 4.1: Língua, literatura e ciência. Ribeirão Preto: COC, 2009.